

7º Dia Internacional da Democracia

Data: 18 de setembro de 2014

Local: Centro de Convenções do Hotel Windsor Flórida

Relatório

Abertura

O evento começou com um café da manhã de Boas Vindas aos quase 150 participantes do VII Dia Internacional da Democracia. Felix Dane, Representante da Fundação Konrad Adenauer no Brasil, falou da importância da data e da satisfação da KAS em receber palestrantes tão ilustres, assim como participantes tão motivados para a discussão.

Mesa Redonda: 125 Anos da Proclamação da República no Brasil. Práticas Republicanas?

O moderador, José Mario Brasiliense Carneiro, Diretor Executivo da Oficina Municipal, convidou a cada um dos palestrantes para compor a mesa. Ele falou sobre a história de Konrad Adenauer, e a importância do âmbito local como importante espaço de formação da democracia. É o momento de aprendizado em que a maioria dos políticos inicia sua trajetória política. Ele apresentou a dinâmica, convidando também ao diálogo político construtivo e democrático.

O cientista político José Álvaro Moisés, Professor da USP e Diretor do Núcleo de Políticas Públicas, foi o primeiro debatedor da mesa. Para ele, o Brasil é uma democracia com tantas distorções que acaba sendo considerada uma democracia de baixa qualidade. E isso acontece por causa da falta de representação ou sua má qualidade. Nossa democracia não é consolidada, mas está a caminho de ser. Um dos problemas é que o chamado 'império da lei' não vale para todos os setores brasileiros. As distorções são graves, pois não há representação no Parlamento nacional nem de mulheres, índios, ou mesmo de alguns Estados da federação.

Segundo José Álvaro Moisés, o intercâmbio de ideias sobre democracia é importante, e há a necessidade de mudança na democracia brasileira, principalmente e também em relação aos partidos políticos. Há uma crise de representação no papel dos partidos políticos e esse fato seria um dos maiores problemas atuais da democracia brasileira. Ele citou o historiador Eric Hobsbawm, que escreveu que o século XX foi um século curto permeado por um fenômeno histórico: a expansão da democracia. E que esta expansão da democracia no mundo como fenômeno histórico teve início a partir dos anos 1970. Foi algo significativo pelo fato de ter possibilitado a escolha dos governantes para milhões de pessoas, além disso, também houve uma abertura para que a população de países democráticos pudesse opinar sobre políticas públicas.

O palestrante também citou números como os da *Economist Intelligence Unit* no "Democracy Index"¹, que ratificam o avanço da democracia no mundo. No entanto, ele destacou que as práticas democráticas não são homogêneas, existindo uma diversidade de experiências que merecem ser analisadas com certo cuidado. Alguns exemplos: há democracias falhas; democracias híbridas; e Regressão autoritária, como no caso de Rússia e Venezuela.

"Democracia é um processo de consolidação"². Cita Robert Dahl para iniciar uma fala sobre a competição eleitoral e seu processo de ampla expansão no Brasil. Os 140 milhões de eleitores deixam claro que somos uma democracia de massa. Afinal, as forças políticas atuantes não apresentam alternativas "contra a democracia", porém é notável a desigualdade na aplicação das leis. O abuso de poder, a corrupção e as distorções no sistema eleitoral causa um grande desequilíbrio. Além disso, voltando ao tema da representação, Álvaro afirma que as mulheres e outras minorias são sub-representações na política. A desigualdade em todos os níveis afeta a democracia, pois afeta a essência da liberdade. Ele citou a importância da qualidade da democracia na representação política e, por fim, destacou uma pesquisa política onde a pergunta era se a democracia poderia funcionar sem os partidos políticos. Em 2006, 31% responderam que

¹ Democracy Index, 2013 - http://www.eiu.com/public/topical_report.aspx?campaignid=Democracy0814

² Robert Dahl, *Polyarchy* (New Haven: Yale University Press, 1971) p. 3.

sim, e em 2014 esse número aumentou para 45%. De acordo com José Álvaro Moisés, tal resultado exemplifica a crise de representação enfrentada pelo Brasil.

Logo em seguida, a cientista política Lúcia Avelar, Professora da Unicamp, falou sobre a pluralização da representação política no Brasil, que, em seu ponto de vista, pode ser considerada vitrine para os países vizinhos. Ela afirmou que as massas urbanas ligadas ao desenvolvimento das últimas décadas nos oferecem um grande desafio para incorporar novas práticas democráticas. Exigir desse novo eleitorado uma racionalidade política não seria razoável. Afinal, seriam facilmente manipulados. As práticas de representação são um marco no período recente e introduziram novos pontos de discussão na sociedade. Ela destacou também o modo de articulação dos movimentos (como os das mulheres) e de organizações civis, como sendo participativas. Segundo Lúcia Avelar, a democracia brasileira se renovou através de organizações participativas, que são estes movimentos sociais / populares de cidadania organizados. A democracia tem legitimidade e se esgota através dos processos eleitorais, pois não se contempla democracia social.

O Superintendente Executivo da Fundação iFHC e Codiretor do Projeto Plataforma Democrática, o cientista político Sergio Fausto, apresentou uma cronologia política histórica da evolução da democracia brasileira. Para ele, os clãs políticos regionais tradicionais se adaptam e se articulam com as novas formas de corrupção. É necessário repensar a estrutura dos partidos políticos e, neste sentido, o exemplo alemão é muito instrutivo e poderia ajudar o sistema brasileiro. Além disso, a transparência nas contas durante a utilização dos recursos eleitorais deveria ser feita com urgência, já que muito do dinheiro utilizado nas campanhas não é declarado. Enfatizou também o fato das agências de marketing que prestam serviços para políticos ganharem muito dinheiro durante as eleições.

Após interessante debate com muita contribuição do público presente, o moderador da mesa, José Mario Brasiliense, avaliou que, nestes 125 anos de República no Brasil, vivenciamos um modelo conforme aquele definido por Hannah Arendt: 'perdoando os erros do passado e vivendo na promessa de um futuro democrático.

Almoço

Todos os participantes foram convidados a almoçar no Restaurante do Hotel Windsor Flórida, onde tiveram a oportunidade de continuar os debates da manhã. Em seguida foram orientados a escolher entre participar das mesas temáticas do Workshop Temático ou continuar o debate sobre o papel da imprensa na democracia.

Mídias Sociais e Opinião Pública

Esta dinâmica, em formato 'aquário', teve como moderador o Representante da KAS no Brasil, Felix Dane. Após explicar as regras do debate, convidou a cientista política Fátima Anastasia, Professora da UFMG e PUC Minas, a ser a primeira a contribuir com o tema. Ela mencionou as diferentes formas de manifestação política, que são muito importantes, inclusive na capacidade de mudar a agenda política brasileira. Porém, a utilização das redes sociais como uma das formas de manifestação não geraram consequências. As redes sociais permitem uma representação não tradicional da democracia, ainda assim não é a ferramenta mais adequada para a troca de argumentos políticos. Para ela, as instituições políticas deveriam utilizar as redes sociais como ferramenta e veículo de informação. E também seria interessante a adoção dos processos virtuais de participação e a institucionalização dessas ferramentas.

Em seguida, o Diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e Codiretor do Projeto Plataforma Democrática, Bernardo Sorj, argumentou que a Internet gera uma cultura política, porém ela não é necessariamente positiva, como o exemplo da criação de "laranjas sociais" que participam da discussão online, seja para atacar ou defender partidos políticos. Em sua opinião, a crise de representação acaba reproduzindo um discurso comum. O desafio das próximas gerações é não acreditar no mundo real como acredita no virtual.

Ao longo do debate com o público, discutiu-se que democracia se aprende fazendo, independentemente da barreira digital que ainda existe no país. Alguns defenderam que o mundo digital confunde e muitas vezes dá impressão de algo que não se vê. E dentro do contexto da chamada 'Primavera Árabe', não foram as redes sociais que derrubaram a ditadura, elas foram a ferramenta de comunicação que contribuiu para isso. No caso das 'Jornadas de Junho' no Brasil, houve uma diferença entre mobilização e organização nas redes e fora delas.

Para o Professor da ESPM Fabro Steibel, uma questão importante é que a qualidade da democracia depende da qualidade do cidadão. Assim como a internet pode deseducar, pode representar uma “pseudo-educação”.

Workshops Temáticos

Ao mesmo tempo em que ocorreu a mesa sobre ‘Mídias sociais e opinião pública’, oferecemos, em outra sala, dinâmicas temáticas em formato ‘world cafe’ com grande participação dos jovens presentes no evento.

Bruno Theodoro Luciano, internacionalista, Fellow KAS/FGV, foi o moderador da mesa *União Europeia*. Entender como a democracia em outros países funciona nos ajuda a entender que todos tem problemas também – por exemplo, a crise de responsabilidade não é exclusividade brasileira. Foi debatida a crise europeia, especialmente com foco econômico, financeiro e político. E também sobre a necessidade dos partidos políticos europeus em se internacionalizar. A Europa tenta se renovar e busca diálogo com outras democracias, pois tradicionalmente a democracia era um produto exportado pelos ocidentais – mas hoje é necessário buscar novos caminhos. Há um impacto do modelo europeu para a democracia quando este modelo é expandido, visto que gera o paradoxo de integrar povos diferentes em um modelo único que, frequentemente, aumenta os casos de xenofobismo e separação. A gênese da UE é que levou 50 anos para se construir e quando se consolida, explode a globalização, que tende a implodir tudo de dentro para fora. Já o paradoxo da integração (desintegração na EU) é também o paradoxo da globalização – regionalização. UE caminha do modelo de uma organização internacional sui generis para ser um sistema político próprio, com governança multinível, sendo que o nível supranacional europeu se inclui nesse modelo de governança.

Para tratar do tema *Sustentabilidade*, o moderador da mesa, Caetano Scannavino Filho, Coordenador do Projeto Saúde e Alegria, tentou limitar a amplitude do assunto, já que qualquer tema pode envolver sustentabilidade. Amazônia é um bom exemplo, pois o que é feito lá tem impacto em várias regiões. Ele mencionou as ligações entre social, econômico e ambiental. Como estaremos daqui a 30-50 anos? Nós já perdemos a batalha do aumento de 2 graus Celsius. Sabedoria dos índios da Amazônia pode ser utilizada para entender o tema da sustentabilidade. Não se pode tratar sustentabilidade sem primeiro superar o problema da pobreza. Não tem que superar primeiramente os problemas econômicos – o ambiental não pode ser separado do econômico. Desafio ambiental não depende apenas de novos políticos ou novas empresas – está ligado ao comportamento dentro de casa, aos padrões de consumo etc. Já tivemos revolução comercial, tecnológica e agora uma revolução ambiental (assumindo novos padrões). O coletivo passa a assumir importância crescente frente ao individual (por exemplo, nos modelos de transporte). Felicidade tem que estar desvinculada da capacidade de consumo, e alguns movimentos sociais começam a ser iniciados com esta perspectiva. A questão da desigualdade social/econômica impede avanços também no tema ambiental. As mudanças climáticas são sentidas cada vez mais no cotidiano das pessoas. Por isso, a sustentabilidade exige mudança de mentalidade da sociedade como um todo, visto que mesmo os mais céticos já não desconsideram as mudanças climáticas. Em Santarém muito se discutiu contra a expansão da soja e da pecuária em zonas de florestas. Brasil ainda tem muita necessidade de inclusão social. É inegável o aumento da renda e do poder de consumo dos brasileiros – Como trabalhar a questão do consumo junto com a inclusão social em termos ambientais? Como rever isso na mentalidade brasileira? No debate, os participantes deram destaque ao papel da nova classe média com poder de compra, interpretada como um caminhão lotado descendo ladeira sem freio – como pará-lo? Como dizer que essa nova camada da população não teria direito de consumir?

Juventude e Direitos foi o tema trabalhado pelo Técnico Pericial do Patrimônio Histórico Cultural do Ministério Público/RJ, João Ricardo Viégas. O debate foi bastante intenso, centrado nas seguintes questões: o que é juventude? Quais são os direitos próprios da juventude? Discutiu-se também o impacto da antecipação da maioridade penal e como o jovem seria impactado nisso. Os próprios jovens se definiram como uma geração ainda em construção. Neste caso, o direito é como um aparador de arestas, em que a sociedade evolui e o direito evolui a reboque. E nos dias de hoje, argumenta-se porque o conceito de jovem se expandiu? Seria porque aumentamos o tempo de vida acadêmica? Sob esta ótica, a juventude seria o grupo da primeira experimentação, pois depois são as revisões de aprendizado da vida e o tempo do amadurecimento.

A professora da USP, a economista Maria Antonieta Del Tedesco Lins, moderou a mesa sobre *Economia Política*. As ricas discussões deram destaque para os seguintes assuntos: O que aconteceu no pós-crise 2008? Em que medida os países mudaram sua forma de atuação na

economia – a controlar mais ou menos a economia? Tripé da economia brasileira: metas de inflação, controle fiscal, câmbio flutuante. Em que medida a política macroeconômica de curto prazo tem direito a se impor sobre os entes sub-estatais (municípios etc). A questão das reservas internacionais do Brasil e a posição que o Brasil ganha no mundo? Lula fez política contra-cíclica como todos os países fizeram no imediato pós-crise. Dilma fez tentativas de flexibilizar o tripé econômico, o que foi muito perigoso no momento ainda pós-crise. Brasil tem um histórico fantasma da inflação que voltou a assombrar nos últimos tempos. Brasil fica à mercê do comércio de commodities. Dentro do BRICS, Brasil tem uma posição econômica mais estável ou menos estável que a China? Há clara necessidade de fortalecer as instituições no Brasil, para a implementação das políticas econômicas e externas de longo prazo. Neste sentido, a transição política no Brasil na troca de governo FHC-Lula é vista como modelo de governança, porque as equipes econômicas trabalharam juntas. Como contribuição do público, pediram explicações sobre o tema econômico das últimas semanas pré-eleições gerais no país: a diferença entre autonomia e independência do Banco Central e o impacto de ambas alternativas na vida dos brasileiros.

Na mesa *Partidos Políticos*, a moderadora foi a cientista política Silvana Krause, Professora da UFRGS. Ela questionou os participantes o porquê os partidos políticos brasileiros não conseguem responder às demandas da população de 2013. Ela considera que, na teoria, o presidencialismo de coalisão é positivo, na medida em que pequenos partidos políticos podem ser representados e participarem de diferentes governos com suas propostas. O profícuo debate mostrou que a sociedade não sabe para onde vai, visto que falta utopia e visão de futuro.

Mesa Redonda: Democracia nas Relações Internacionais: análise do Brasil no Mundo

Na última mesa do dia, os debatedores foram André Luis Prudencio Sena, historiador, Professor do IBMR; Miriam Saraiva, cientista política, Professora da UERJ; Renato Flôres, cientista político, Professor da FGV; com moderação de Roberto Fendt, economista, Diretor Executivo do CEBRI. Entre os vários temas tratados, Renato Flôres falou sobre o discurso universalista e o impacto prático disso na vida das pessoas. Um dos exemplos dados foi se há um estudo que mostra impacto real contra o terrorismo com a inclusão de todas as etapas de segurança pelas quais um passageiro precisa passar para pegar um voo e todo o aborrecimento e filas gerados por causa disso. A ansiedade de impor e intervir em processos de modo a trazer a salvação de um modelo absoluto é sempre catastrófica. Ele questionou o que aconteceria no mundo se amanhã a China se tornasse uma democracia. Ele considera que o mundo seria mais complexo e perigoso. Em sua análise, se considerarmos a qualidade do que torna um país uma democracia, em alguns aspectos a China tem características mais democráticas em alguns aspectos que a Índia, considerada a maior democracia do mundo. Alguns defenderam que não é importante que haja democracia nos países, mas que haja democracia no sistema internacional. Outros questionaram porque as visões brasileiras nas relações internacionais muitas vezes não convergem com os valores americanos e europeus? Seria para disputar melhores posições na política internacional? No Brasil, o governo FHC defendia a democracia como regime político institucionalizado. No entanto, em geral, considera-se que a posição brasileira na diplomacia pode ser considerada tímida, com grande respeito à autodeterminação dos povos. A maior ênfase do debate foi a atual crise de representação política no país.

Encerramento

O Representante da Fundação Konrad Adenauer no Brasil, Felix Dane, encerrou o VII Dia Internacional da Democracia agradecendo a presença do público e sua participação no debate, assim como de sua equipe e dos palestrantes, que nos brindaram com seu conhecimento e simpatia.